

PIONEIROS



Ely Toscano

O médico chegou para trabalhar no Hospital Distrital, hoje Hospital de Base, e foi responsável pela compra dos equipamentos para a realização das primeiras cirurgias cardíacas na capital

Os primeiros passos para cuidar dos corações da capital

DF-Brasília
038
Reportagem 0067

Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

A medicina brasileira, mais especificamente a cardiologia, certamente não teria avançado tanto na capital não fosse a coragem, a determinação e o sonho do cardiologista gaúcho Ely Toscano Barbosa. Aos 37 anos, ele decidiu trocar Porto Alegre pela cidade e fazer da cirurgia cardíaca um objetivo de vida.

Ely estava recém chegado dos Estados Unidos, onde trabalhou durante cinco anos, quando foi convidado pelo primo Reni Toscano para conhecer a futura capital brasileira, em fevereiro de 1960. Impulsionado pelo programa de trabalho a ser implantado, o médico encontrou na nova capital um porto seguro para colocar em prática as experiências e o conhecimento adquirido lá fora. Foi na temporada norte-americana que o cardiologista conheceu as novas técnicas de cirurgia cardiovascular extra corpórea, ainda desconhecida no Brasil.

Decidido a se mudar, Ely apressou o casamento com a ginecologista Jurema Toscano,

na capital guícha e, dois dias depois da cerimônia, desembarcava em Brasília. Seu primeiro endereço foi na *favela colorida*, como era chamada a 412 Sul, ainda em construção. “Era uma poeira só nos meses de estiagem e muito barro nos meses de chuva”, relembra.

O primo Custódio Toscano, inconformado com a falta de

privacidade do casal, por causa do que chamavam *televisão de candango* — apartamentos com amplas áreas envidraçadas e sem cortinas — resolveu levá-los para uma quitinete na 304 Sul. Pouco tempo depois, conseguiu um amplo apartamento na mesma quadra, doado pelo governo, através do Grupo de Trabalho de Brasília.

Um ano depois, o casal se mudou para a 308 Sul.

Em clima de lua-de-mel e sob os festejos da inauguração da capital federal, Ely e Jurema atendiam os pacientes que chegavam ao Hospital Distrital, atual Hospital de Base, em macas, camas e com equipamentos improvisados. Devido à carência de recursos e à ausência de

administração na época, o problema da emergência foi resolvido pelos próprios funcionários com abertura de uma porta de entrada para o setor. “A falta de estrutura era tanta que, durante a visita do general Charles De Gaulle a Brasília, tivemos que emendar uma cama com a outra, pois as poucas que existiam, eram pequenas”, lembra.

EM 1964, ELY (C) RECEPCIONOU OS PARTICIPANTES DO CONGRESSO BRASILEIRO DE CARDIOLOGIA EM VISITA A BRASÍLIA

“A FALTA DE ESTRUTURA ERA TANTA QUE, DURANTE A VISITA DO GENERAL CHARLES DE GAULLE A BRASÍLIA, TIVEMOS QUE EMENDAR UMA CAMA COM A OUTRA, POIS AS POUCAS QUE HAVIA ERAM PEQUENAS”

ELY E JUREMA APRESSARAM O CASAMENTO, EM PORTO ALEGRE, PARA VIVER O INÍCIO DA NOVA CAPITAL



Como não havia uma secretaria ou empresa responsável pelo financeiro do hospital, os salários eram pagos pela Novacap. E, quando a fome apertava, médicos e até pacientes recorriam aos quibes fritos e salgadinhos do Instituto dos Ferroviários. Ainda não havia cozinha ou restaurante no hospital.

Em busca de um melhor atendimento, coube a Ely providenciar a infra-estrutura hospitalar. Foi ele o responsável pela compra dos equipamentos necessários para cirurgias. Em 1963, o material chegou ao hospital e naquele mesmo ano foi realizada a primeira cirurgia cardíaca em Brasília.

Formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o médico foi testemunha, também, de cenas tristes que aconteceram no hospital como, por exemplo, a morte do ministro do Supremo Tribunal de Recursos, Cunha Vasconcelos, vítima de um ataque do miocárdio.

Mesmo longe dos corredores do Planalto, Ely mantinha contatos frequentes com o presidente Juscelino Kubitschek, por quem tinha profunda admiração. “Juscelino sabia ser agradável, além disso, era muito afável e otimista”, relembra.

Durante um congresso internacional, realizado no Rio de Janeiro, pouco tempo depois da inauguração, a Sociedade Brasileira de Cardiologia organizou uma viagem a Brasília para satisfazer a curiosidade dos participantes em conhecer a nova sede do governo. “Como guia, levei-os também até Juscelino, no Palácio do Planalto. Sempre amável e diplomático, não esqueceu de tirar os sapatos como

era de costume. Como só havia um restaurante na cidade e que certamente não comportaria aquela enorme comitiva, de 30 pessoas, cochichei ao ouvido do presidente: ‘E agora, onde os leve para almoçar?’ Ele me respondeu: ‘Leve-os para comer uma feijoada, na Granja do Ipê (residência do presidente da Novacap, Israel Pinheiro)’.”

Depois, segundo contou Ely Toscano, Juscelino se levantou, pediu desculpas a todos. Disse que a agenda cheia o impedia de acompanhá-los até o local. “Durante o almoço, um helicóptero desceu na granja e quem estava dentro? Juscelino”, relembra com emoção.

Lembranças como essas e as tantas outras dos primeiros tempos de Brasília fazem o coração desse médico de 78 anos bater mais forte até hoje.

Raio X

Nome:
Ely Toscano
Barbosa
Idade:
78 anos
Origem:
Porto Alegre-RS
Ano de chegada a Brasília:
1960
Profissão:
médico cardiologista
Esposa:
Jurema Toscano
Profissão:
ginecologista
Filhos:
não tem